

Delfim diz que Lula e ele têm objetivo comum

O deputado Delfim Netto (PDS-SP) disse ontem em São Paulo não vê nenhum obstáculo que o impeça de manter um bom relacionamento com o líder do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, durante os trabalhos da Constituinte, apesar de ambos seguirem linhas ideológicas opostas. Segundo Delfim, o que importa é que ambos têm em comum, como linha de atuação, a defesa dos direitos dos trabalhadores, embora diverjam quanto à forma como deve ser tratada a questão dos bens de produção.

"Não creio num acordo (com Lula) — considerou Delfim —, o que parece que ele disse é que conversaria com qualquer pessoa, dentre elas, eu também. Eu gostaria de dizer, em primeiro lugar, que não há nenhuma razão pela qual eu e o deputado Lula não possamos ter uma convivência urbana, inteligente, correta, e que deve ter pontos em comum. Uma coisa que eu acho fundamental é preciso esclarecer: as pessoas às vezes põem que existe alguém com o monopólio do amor ao Brasil, ou o monopólio do amor ao proletariado. Tudo isso é uma grande ilusão. Todos nós queremos o melhor para o Brasil, todos nós queremos o melhor para os trabalhadores. E isso é fundamental que se diga: pode haver divergências sobre como fazer o melhor para o trabalhador e para o Brasil. Eu acredito que é realista quem realmente procura fazer isso dentro das limitações em que vive, e produz bem mais para o trabalhador do que pura conversa. De forma que, na minha opinião, não existe razão pela qual eu e o Lula não possamos ter muitos pontos em comum."

Sobre a viabilidade de uma futura composição, Delfim esclareceu: "Não se trata de composição, foi o que ele falou. Mas há pontos em que vamos divergir seriamente. Por exemplo, o Lula defende abertamente a propriedade estatal dos bens de produção, a propriedade coletiva. Eu acho que isso é um grande equívoco. Eu defendo, na realidade, a propriedade privada dos bens de produção, porque entendo que serve muito melhor aos trabalhadores do que a propriedade coletiva".

"Mas há coisas em que nós estamos de acordo — ressaltou. — Todos nós queremos o aumento do salário real dos trabalhadores, mas eu acho que isso só pode acontecer através do aumento da produtividade. Todos nós queremos que o Brasil caminhe para uma diminuição das horas de trabalho, mas isso também tem de ser através de uma reorganização do processo industrial, para que não venha a produzir dificuldades maiores. Todos nós desejamos a plena liberdade do movimento sindical. A sua pluralidade é fundamental. E isso não é monopólio de ninguém. As pessoas acham que é preciso realmente incorporar o trabalho ao processo social. E todos pensam igual, por exemplo, que a greve é um direito absolutamente líquido e certo do trabalhador. Esse foi o único instrumento que o trabalhador descobriu dentro do regime de liberdade, como é a liberdade produzida pelo regime capitalista, que provoca e produz uma melhoria persistente da posição dos trabalhadores na distribuição de renda."